

Christiane Cardoso Ribeiro

Rogério Mendes de Lima

IKE: possibilidades de construções estéticas e simbólicas pela
Perspectiva Intercultural em
Artes Visuais

Rio de Janeiro, 2020

IKE: possibilidades de construções estéticas e simbólicas pela
Perspectiva Intercultural em
Artes Visuais

Christiane Cardoso Ribeiro Rogério
Mendes de Lima

IKE: possibilidades de construções estéticas e simbólicas pela Perspectiva Intercultural em Artes Visuais

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

R484 Ribeiro, Christiane Cardoso

IKE : possibilidades de construções estéticas e simbólicas pela perspectiva intercultural em artes visuais / Christiane Cardoso Ribeiro ; Rogério Mendes de Lima. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.

41 p.

Bibliografia: p. 41.

ISBN: 978-65-5930-065-5

1. Artes Visuais – Estudo e ensino. 2. Educação étnico – racial. 3. Interculturalidade. 4. Prática pedagógica. I. Lima, Rogério Mendes de. II. Título.

CDD: 707

RESUMO

Este produto educacional foi planejado e desenvolvido visando ofertar material didático flexível e adaptável às diversas demandas educacionais na Educação Básica e representando alternativa pedagógica tanto no campo do ensino das Artes Visuais quanto todas as áreas do conhecimento que busquem o desenvolvimento de uma educação anti-racista, a partir do entendimento da hierarquização dos conteúdos ofertados no espaço escolar onde as culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras são colocadas em local desubalternidade. Leis e documentos oficiais apresentam e norteiam a proposta de abordagens que contemplem o ensino da arte e da cultura indígena, afro-brasileira e brasileira, mas ao longo da pesquisa que originou este produto Educacional foi possível constatar uma escassez de material didático e de suporte aos professores. É parte de uma pesquisa qualitativa. O caminho metodológico e a abordagem propostos na utilização do material didático de apoio ao professor é a Proposta Triangular, por entender-se à sua flexibilidade e por já estar presente nas ações educacionais, servindo como guia das práticas e fornecendo uma certa homogeneidade ao campo do conhecimento, se sustentando ainda na Perspectiva Intercultural e a Pedagogia Decolonial para que além de trabalhar as leituras formais e conceituais das imagens sugeridas, possa possibilitar a reflexões críticas dentro do contexto social e cultural onde o material estiver sendo utilizado. IKE, não é uma proposta didática fechada e com regras rígidas e impostas de utilização e sim uma proposta de ressignificação do ensino das Artes Visuais e todos os seus componentes curriculares como ferramenta eficaz no combate ao racismo e na promoção da equidade.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; Educação Básica; Racismo; Perspectiva Intercultural; Pedagogia Decolonial.

Lista de Imagens

Imagem 1: Rosana Paulino	pág.15
Imagem 2: Jaime Laureano.....	pág. 16
Imagem 3: Cândido Portinari.....	pág. 17
Imagem 4: Moisés Patrício.....	pág. 18
Imagem 5: Máscaras ritualísticas.....	pág. 19
Imagem 6: Pintura rupestre brasileira.....	pág. 20
Imagem 7: Modesto Brocos.....	pág. 21
Imagem 8: Victor EpKuk.....	pág. 22
Imagem 9: J. D. Okhai.....	pág. 23
Imagem 10: Jaider Esbell.....	pág. 24
Imagem 11: Tarsila do Amaral.....	pág. 25
Imagem 12: Carlos Vergara.....	pág. 26
Imagem 13: Djanira da Motta.....	pág.27
Imagem 14: Pedro Peres.....	pág. 28
Imagem 15: Loïs Mailou Jones.....	pág. 29
Imagem 16: Rubem Valentim.....	pág.30
Imagem 17: Carybé.....	pág.31
Imagem 18: Jaime Laureano.....	pág. 32
Imagem 19: Romuald Hazomé.....	pág. 33
Imagem 20: Chèri Samba.....	pág.34
Imagem 21: Zaneli Muholi.....	pág. 35
Imagem 22: Chèri Samba.....	pág. 36
Imagem 23: Jaider Esbell.....	pág. 37
Imagem 24: Pajé Mamaindé.....	pág. 38
Imagem 25: Lavagem da escadaria da Igreja do Bon- fim (Salvador).....	pág. 39

SUMÁRIO

1	Apresentação.....	7
2	Organização	9
3	O material visual.....	12
4	Considerações finais.....	40
	Referências	41

1 Apresentação

Este material didático de apoio ao professor do ensino fundamental foi produzido como trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Práticas Educacionais na Educação Básica, planejado e desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica e dos dados obtidos em um conjunto de questionário, entrevista semiestruturada e oficinas que inicialmente seriam oferecidas à professores de Artes Plásticas, mas contaram com docentes de outras áreas do conhecimento, participantes do PRD (Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II) e à profissionais atuantes da área da comunicação visual.

Possui como base a Perspectiva Intercultural a Pedagogia Decolonial e a Metodologia Triangular, objetivando não somente apresentar imagens produzidas e seus contextos culturais, mas sugerir e indicar uma leitura, observação, fruição e análise crítica sobre estas produções, saindo do eixo condutor eurocentrado e dos seus padrões estéticos e simbólicos. Busca assim, tratar de forma equivalente, mas buscando promover a equidade, as representações e criações artísticas indígenas, africanas e afro-brasileiras, no que se refere a valor estético e reconhecimento de saberes produzidos como legítimos.

O caminho metodológico e a abordagem propostos na utilização do material didático de apoio ao professor é a Proposta Triangular, por entender-se à sua flexibilidade e por já estar presente nas ações educacionais, servindo como guia das práticas e fornecendo uma certa homogeneidade ao campo do conhecimento, que ainda se apresenta de forma diversa, e por favorecer a produção artística realizada pelos alunos após a etapa de observação e estudo crítico sobre a contextualização. Considerada etapa importante no processo da Abordagem Triangular, a contextualização da imagem selecionada propicia o momento em que os docentes desenvolverão uma leitura crítica considerando todos os tópicos planejados anteriormente. Etapa tão importante quanto a contextualização das imagens é o momento em que os discentes desenvolvem suas criações a partir da leitura conceitual e formal realizada. É neste momento do desenvolvimento da aula através do pensar artístico que as identidades são construídas e se estabelece valores estéticos que sustentarão a leitura de mundo e o sentimento de pertencimento.

Ao entendermos o ensino das Artes Visuais como área do conhecimento capaz de promover leitura de mundo pelo caminho das produções artísticas dentro de um contexto cultural e como elas se concebem e materializam, se faz necessário abordar e refletir sobre e por quais caminhos o seu processo de ensino e aprendizagem têm caminhado.

Os mais variados documentos norteadores do ensino de Artes Visuais apresentam nos seus objetivos possíveis eixos condutores por onde o seu ensino e caminhos metodológicos podem ser construídos de maneira crítica e reflexiva n o que se refere às produções artísticas indígenas, africanas e afro-brasileiras. Apesar disso, o eixo condutos dos planejamentos educacionais e ações pedagógicas ainda são estabelecidos a partir de

conceitos estéticos e culturais afrocentrados, reforçando desta forma o desenvolvimento do conhecimento do colonizador em detrimento dos demais saberes.

O PCN de Artes Visuais lançado em 1997 e instituído como documento oficial apresenta nos seus objetivos gerais a relação que existe entre o ensino das Artes Visuais e conhecimento de mundo através de sua leitura e entendimento das relações sociais e culturais e a construção das identidades, quando afirma que “conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade pessoal(...)”. (BRASIL, 1997, não paginado)

Por mais que sejamos resultado de um encontro variado de culturas, e tenhamos documentos oficiais que não só sugerem como norteiam o desenvolvimento de um projeto pedagógico que privilegie as produções indígenas, afro-brasileiras e africanas as considerando como produtoras de saberes e conceitos estéticos legítimos, ainda verificamos com facilidade e de maneira empírica as abordagens sazonais estabelecidas em datas comemorativas e sistematizadas em forma de atividades e enfeites decorativos desconsiderando as subjetividades presentes nestas culturas e produções.

Se faz necessário e indispensável entender o espaço escolar como *locus* de formação interpessoal, intrapessoal, cultural, política e social e como terreno fértil para o estabelecimento do desenvolvimento destes aspectos de forma reflexiva e crítica. Sendo a escola este local, é também ambiente propício à manutenção de espectros racistas e sua propagação, não sendo por incentivo e apoio, mas por silenciamento das tensões geradas e estabelecidas. O combate ao ensino eurocentrado, através de uma educação decolonial é elemento potente na ressignificação de toda uma organização social e cultural.

Nossa formação é forjada pela concepção de mundo européia e mantida pelas práticas educacionais embasadas nesta concepção.

Ao longo de nossa formação histórica, marcada pela colonização, pela escravidão e pelo autoritarismo, o imaginário social construído sobre os negros não foi o mais positivo. Esse imaginário possibilitou a incorporação de teorias raciais repletas de um suposto cientificismo que por muito tempo atestaram a inferioridade de pessoas negras, a degenerescência do mestiço, o ideal do branqueamento, a primitividade da cultura negra e a democracia racial (GOMES, p. 88, 2001)

Por ser tratar de um material didático construído a partir da seleção de imagens que possam favorecer um diálogo consciente e, conseqüente das reflexões promovidas sobre a colonialidade e a condição de subalternização em que algumas culturas foram colocadas, considera-se indispensável que haja adoção de métodos que afirmem em um mínimo de coerências às práticas desenvolvidas posteriormente à sua adoção, para que assim ocorram possibilidades de mensuração dos resultados obtidos em comparação com os esperados.

2 Organização

A proposta educacional contida neste material não poderia se apresentar de forma incoerente às suas bases ideológicas, metodológicas e bibliográficas e estabelecer de forma unilateral e arbitrária métodos e procedimentos inflexíveis para a sua utilização.

Sua organização se deu de forma coletiva durante um oficina disponibilizada e realizada no Colégio Pedro II do Campus São Cristóvão com docentes de áreas diversas do conhecimento e com profissionais que em suas práticas laborais apresentam relação com produção e leitura de imagens.

Trata-se de uma compilação de imagens que tanto atendem aos caminhos metodológicos onde são abordadas questões referentes à construção das imagens pelo viés da fruição formal e conceitual quanto induzem à utilização de reflexão crítica dentro dos objetivos propostos.

Ao considerarmos a Proposta Triangular como referência metodológica e pedagógica para concepção de planejamentos educacionais e estabelecimento das práticas realizadas, é no espaço destinado à leitura de imagem que se apresenta o caminho para a abordagem crítica e reflexiva dentro do contexto social, cultural e temporal da produção de cada imagem utilizada.

Estamos propondo aqui que o enfrentamento ao racismo se dê de forma consciente e em associação entre as práticas educacionais e as teorias que nos apresentam novas possibilidades, como a pedagogia decolonial.

Sugerimos ainda que seja estabelecido o desdobramento pedagógico das leis 10.639/03 e 11.645/08 durante todo o planejamento escolar e não só em datas comemorativas e que a equidade seja entendida como indispensável à uma reorganização social e cultural anulando a classificação de subalternidade e primitividade em que as produções artísticas indígenas, africanas e afro-brasileiras são colocadas,

Ressaltamos que as imagens são sugestões e que a seleção do material que dará sustentação às aulas de Arte deve estar alinhada ao contexto social, cultural e étnico em que se trabalha e aos conteúdos conceituais que se pretende abordar. Um caminho não anula o outro, sendo perfeitamente viável considerar questões teóricas e práticas, mas se faz necessário abrir mão de conceitos teóricos que sustentam o ensino da Arte e que sejam eurocentrados.

Sugerimos que vídeos, fotografias, peças de teatro, músicas e animações sejam também considerados como elemento desencadeador das aulas e ainda produções artísticas dos próprios alunos e alunas e dos espaços culturais aos quais pertencem. O conceito de

definição do que pode ser considerado como arte e produções artísticas deve transpassar as definições estabelecidas pelo colonizador.

3 O material visual

As imagens sugestionadas são encontradas com facilidade na internet com suas referências e podem ser exibidas de várias formas.

Podem ser abordadas de forma individual ou associadas e permitem a abordagens através da exploração de assuntos múltiplos.

Cada artista apresentado aqui é responsável por extensa produção artística de grande pertinência para o objetivo deste material e no suporte para aulas de Artes Visuais que fujam ao viés condutor do eurocentrismo.

A proposta do material de apoio IKE, não é o abandono completo de todas as teorias e práticas já estabelecidas no desenvolvimento do trabalho docente, mas sim uma ressignificação do currículo ao entendermos a importância de representatividade e do espaço escolar como formador do cenário social e cultural e da forma como as identidades e as relações pessoais e de poder se estabelecem. As tensões sociais já instituídas no que se refere às identidades étnicas e os seus locais políticos, sociais, culturais e econômicos precisam constituir elemento importante na ação de se pensar planejamento seus desdobramentos e sistematizações e desenvolvimento de ferramentas pedagógicas anti-racistas.

É necessário que minimamente se conheça a história dos povos negros e indígenas, considerando suas subjetividades e entendendo suas produções culturais e artísticas dentro do seu próprio contexto, sem parametrizar por direcionamentos estéticos eurocentrados e determinados pelos colonizadores como referência de beleza e valor e ainda que desvinculemos estas produções do conceito de primitivismo ou produção realizada sem o conhecimento técnico acadêmico.

A escolha do nome deste material se deu a partir de longa pesquisa com o objetivo de se encontrar algo que fizesse sentido e fosse coerente não somente com o que desenvolvemos aqui como a história de todo o povo negro e seus descendentes que ainda está sendo escrita e não só pode como deve ser modificada. O nome escolhido contempla também os povos e etnias indígenas do país, representantes dignos do que é força e os donos desta terra que não foi “descoberta”, mas sim invadida e consolidada como nação sobre o massacre e silenciamento de povos, suas crenças, histórias e identidades.

Após muitas leituras e pesquisa chegou-se ao termo “Ike”, significa “força” no dialeto dos Igbo (lê-se Ibo).

Os Igbo “são um dos maiores grupos étnicos africanos. Habitam do leste, sul e do sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial. A maioria da população Ibo está concentrada na Nigéria, dominando parte do sul e o oeste desta com cerca de 25 milhões de pessoas. Encontram-se também em Camarões, Guiné Equatorial (Ilha de Fernando Po), Gana, Serra Leoa, Costa do Marfim, Gabão, Libéria e Senegal e atualmente milhares nos USA”

Para muito além de ser somente um nome, o título escolhido carrega consigo a principal característica dos nossos ancestrais, povo preto vindo para território brasileiro escravizado e permanecendo em diáspora.

“IKE - Possibilidades de construções estéticas e simbólicas pela perspectiva Intercultural em Artes Visuais”, está carregado de novas possibilidades que objetivam despertar os olhares para as desigualdades geradas pelo colonizador e mantidas pelo processo de colonialidade e enfrentá-las com força e o real desejo de promover mudanças permanentes e significativas para a sociedade.

Para que sirva como auxílio à etapa inicial da adoção do material e o planejamento pensado a partir dele, preparamos algumas orientações que se apresentam de forma genérica e flexíveis, contudo coerentes com os suportes eleitos como base ao seu desenvolvimento.

O roteiro descrito abaixo constitui mera sugestão de tópicos para se pensar um planejamento que seja antirracista e se mantenha durante todo o ano letivo escolar.

Sugerimos que:

- Se faça um levantamento do contexto social e cultural dos alunos, bem como as produções artísticas e culturais que se dão dentro deste contexto;
- Se pesquise sobre os conceitos de Interculturalidade e Pedagogia Decolonial;
- Se conheça os documentos norteadores da educação básica nas esferas federal, estadual e municipal;
- Considere as leis 10.639/03 e 11.645/08 e suas propostas, bem como se realiza pesquisas em sites de confiança (as Universidades são plenamente confiáveis);
- Haja atenção às questões que envolvem ações racistas na sociedade de forma geral;
- Após a delimitação de quais questões serão abordadas em casa aula, se realize a seleção do recurso gerador das práticas. Neste material sugerimos imagens, mas é recomendado que se explore as várias linguagens artísticas e manifestações culturais;
- Contemplar o momento de criação plástica dos discentes e para este momento pensar quais questões conceituais estéticas serão desenvolvidas (cor, forma, textura, harmonia cromática, etc.)
- Dar apoio à construção desta criações, sem interferências;

- Indicamos que se associe várias linguagens na mesma aula;
- As imagens eurocentradas não precisam ser eliminadas das práticas em artes Visuais, mas precisam ser lidas de forma reflexiva e crítica;
- Não somente as imagens não eurocentradas podem servir de condutoras à uma aula combatente ao racismo, mas também as técnicas desenvolvidas pelos povos considerados ainda como ‘subalternos’;
- A escolha pela informação do título da obra selecionada e quando será oferecido pode direcionar tanto a leitura quanto o entendimento desta imagem;
- Acreditamos que seja importante que os discentes pensem num título com justificativa para suas criações e que isso pode representar momento de reflexão sobre o que foi entendido e como;
- Sugerimos ainda que sejam organizados momentos de reflexão coletiva sobre as atividades realizadas.

Nosso objetivo maior com o desenvolvimento deste trabalho é oferecer suporte aos profissionais que buscam uma educação anti-racista e propor alternativas de abordagem que possam promover o enfrentamento a este grande sistema segregador que é o racismo no Brasil. Em silêncio ou não ele age destruindo histórias e identidades ou proibindo que sequer aconteçam.

Convidamos e convocamos aqueles que têm a oportunidade de propor e implementar ações que consigam reescrever esta história e buscar um país mais igualitário e justo que considere todas as dores e falas e verdades como legítimas respeitando individualidades e subjetividades, a partir da sala de aula constituída de grande diversidade e pluralidade.

Esperamos que este material gere bons resultados e seja compartilhado, discutido, adaptado, modificado e utilizado se mantendo assim vivo a acompanhando a dinâmica da vida que é constante e eterna.

Imagem 1: Rosana Paulino (artista brasileira)



Imagem 2: Jaime Laureano (artista brasileiro)

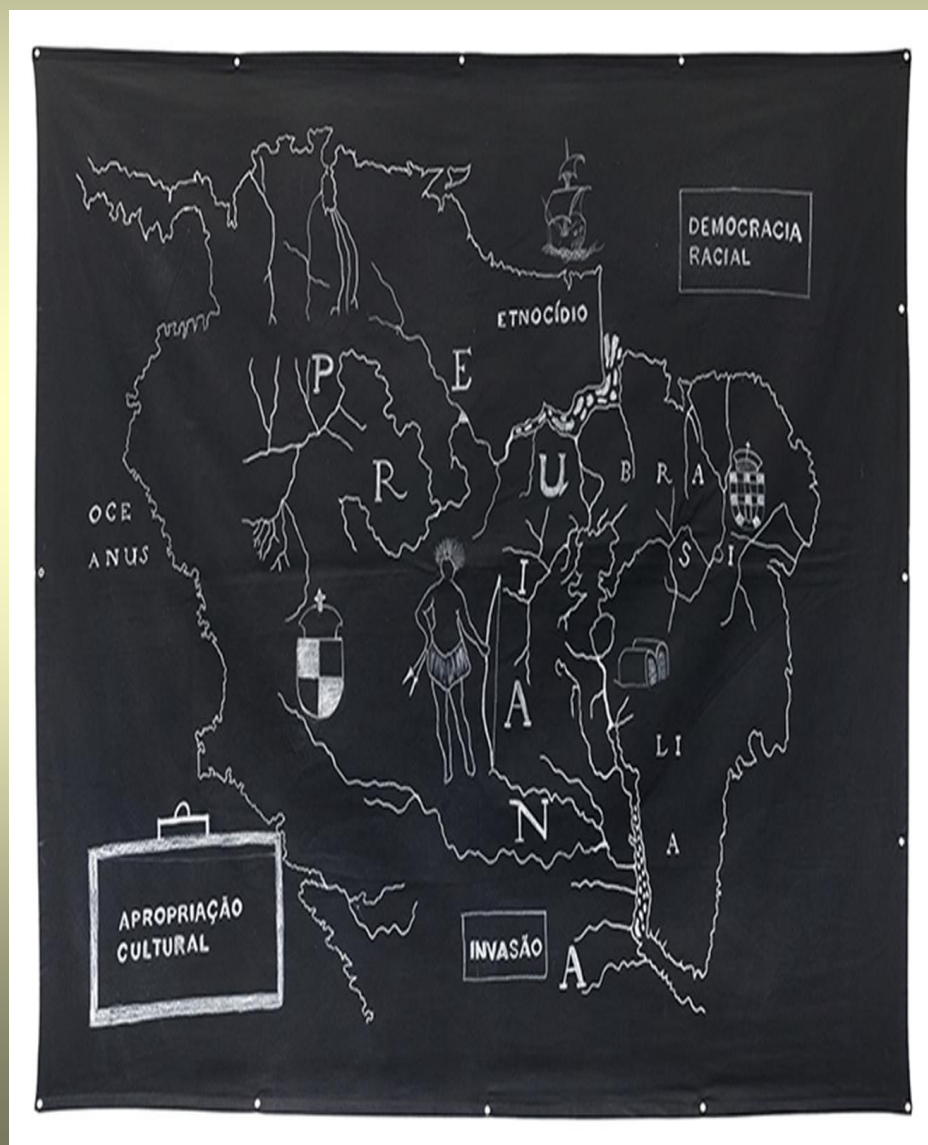


Imagem 3: Cândido Portinari (artista brasileiro)



Imagem 4: Moisés Patrício (artista brasileiro)



Imagem 5: máscaras ritualísticas indígenas brasileiras



Imagem 6: pintura rupestre brasileira



Imagem 7: Modesto Brocos (artista brasileiro)



Imagem 8: Victor Ekpuk (artista plástico nigeriano)



Imagem 9: J.D. Okhai (artista plástica nigeriana)



Imagem 10: Jaider Esbell (artista plástico da etnia Maku-xi)



Imagem 11: Tarsila do Amaral (artista brasileira)



Imagem 12: Carlos Vergara (artista brasileiro)

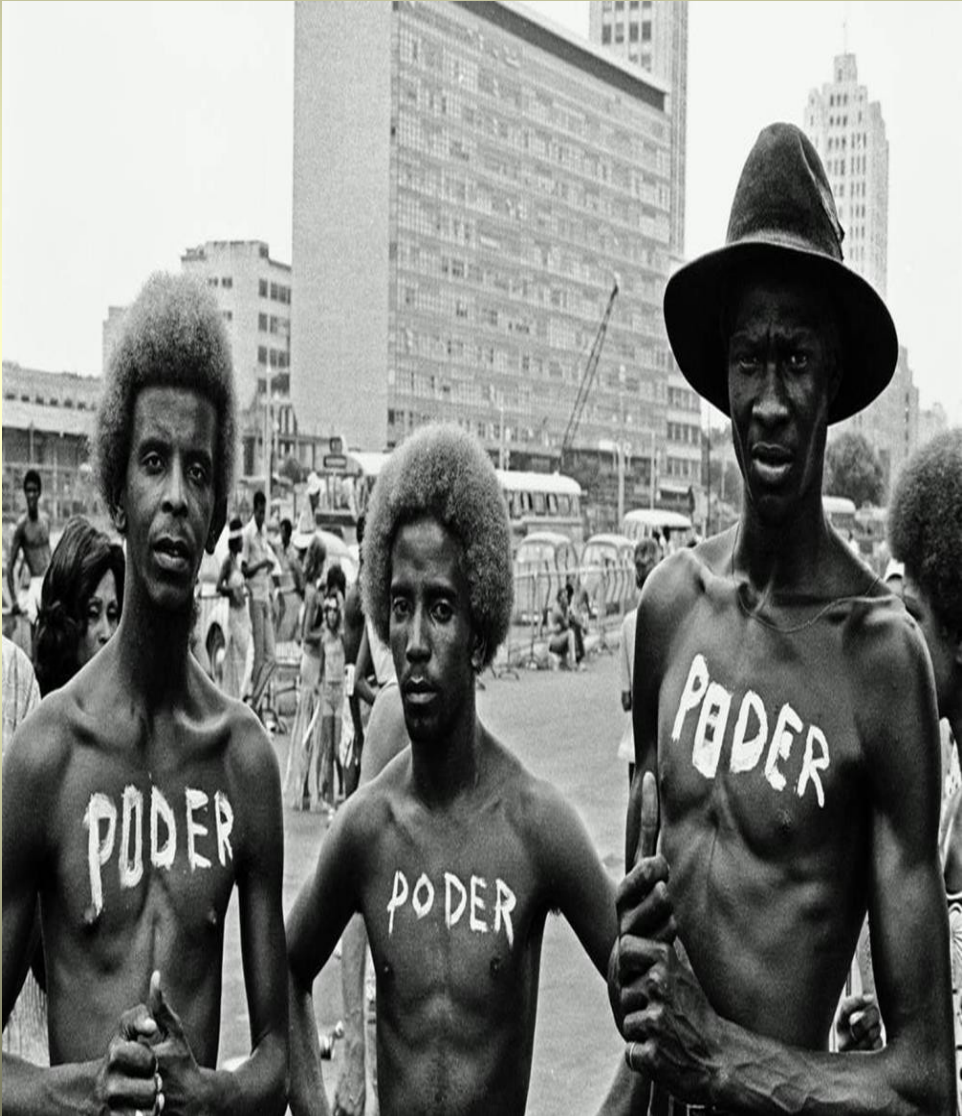


Imagem 13: Djanira da Motta (artista brasileira)



Imagem 14: Pedro Peres (artista brasileiro)



Imagem 15: Loïs Mailou Jones (artista da Etiópia)



Imagem 16: Rubem Valentim (artista plástico brasileiro)

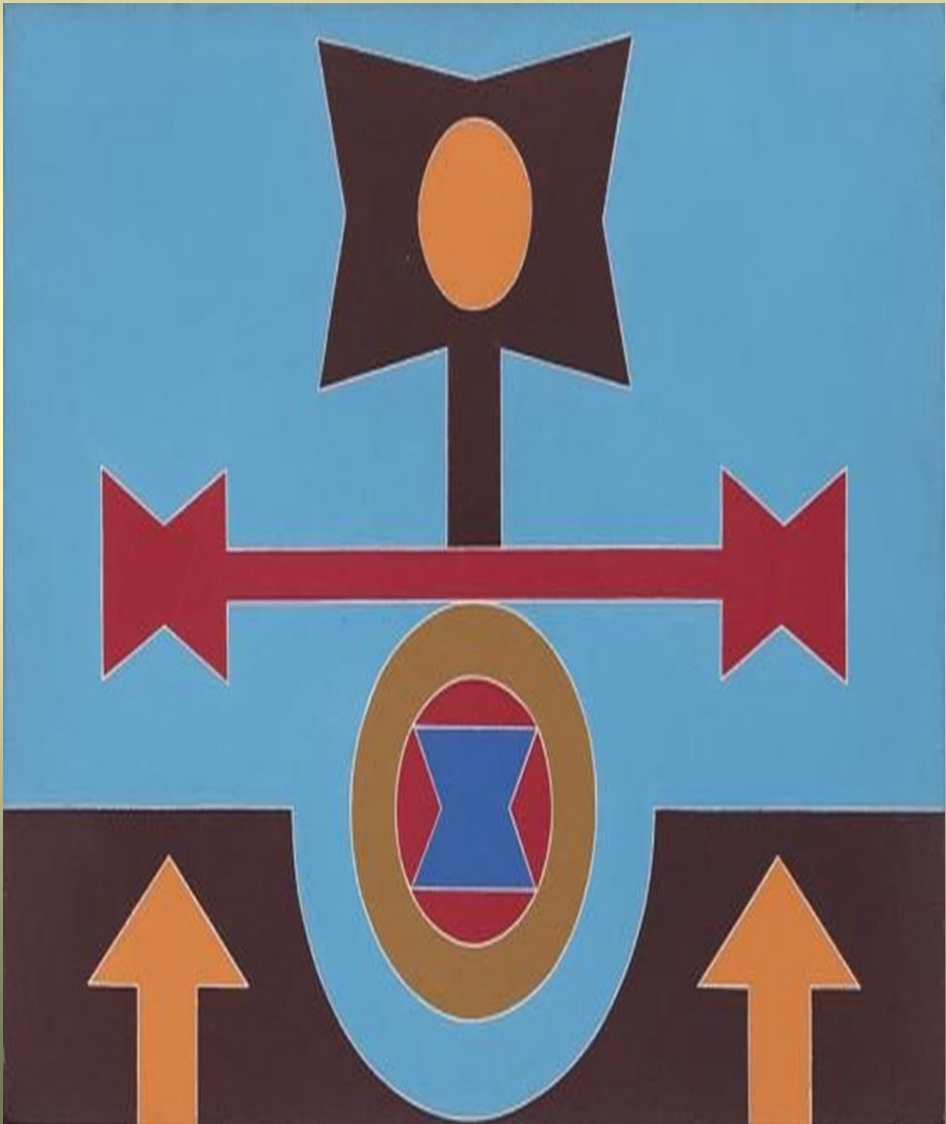


Imagem 17: Carybé (pintor brasileiro)



Imagem 18: Jaime Laureano (artista plástico brasileiro)

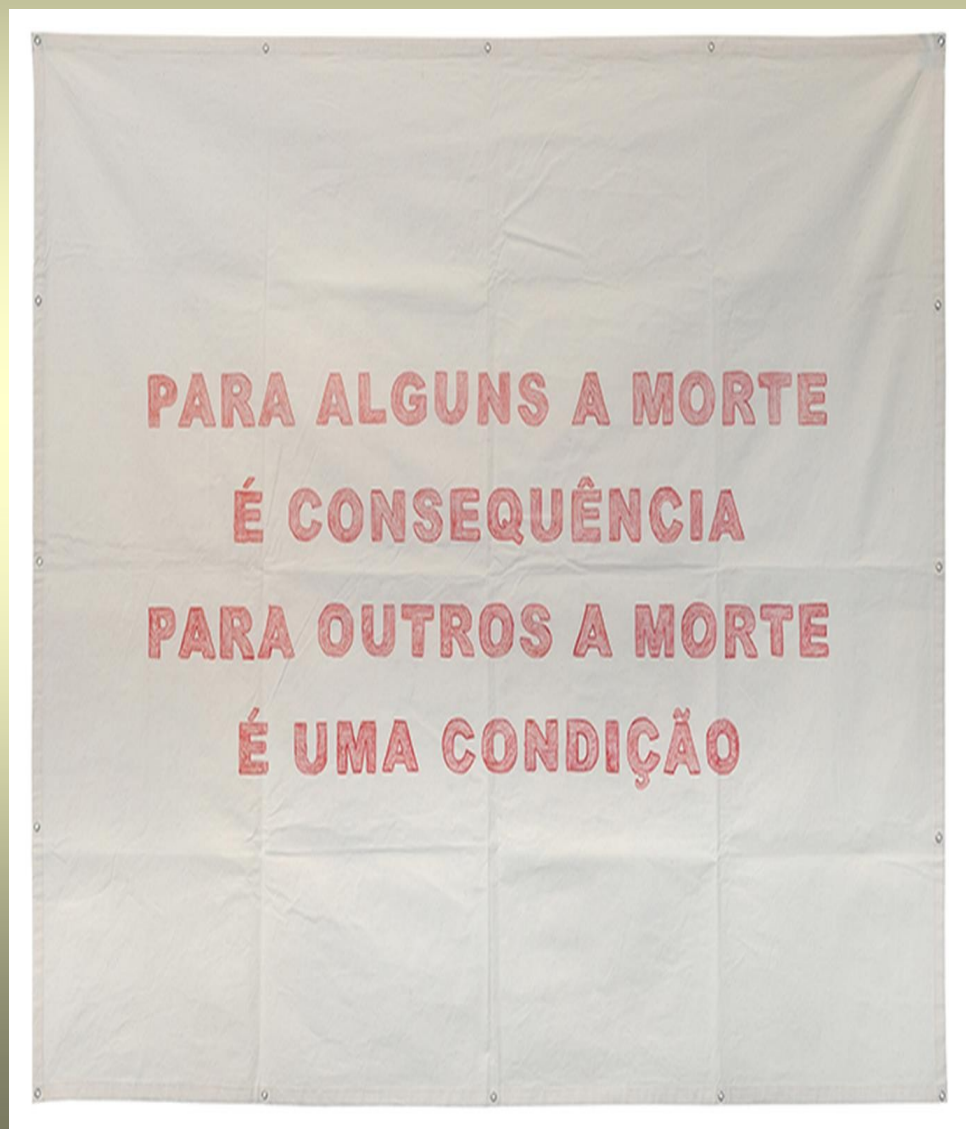


Imagem 19: Romuald Hazomé (artista plástico da República do Benin)



Imagem 20: Chèri Samba (artista plástico Congolês)



Imagem 21: Zaneli Muholi (artista sul africana)



Imagem 22: Chèri Samba (artista plástico Congolês)



Imagem 23: Jaider Esbell (artista plástico da etniaMa-kuxi)



Imagem 25: Pajé Mamaindé (fotografia de Anete Costa)



Imagem 25: Lavagem da escadaria do Senhor do Bonfim
(Salvador)



4 Considerações finais

Este é o desabafo de uma professora -pesquisadora que esta cansada de tanta desigualdade e por vezes se sente impotente diante de tantas injustiças e agressões aos povos pretos e indígenas.

Acreditamos que como professores temos a possibilidade de entendermos a sala de aula enquanto célula social com todas as tensões que se apresentam no espaço externo a ela. Nossas turmas são constituídas das formas mais diversas e quanto mais periférico é o local onde as escolas se encontram, mais ficam evidentes as desigualdades e políticas públicas segregadoras e silenciadoras. Não precisamos de pesquisa ou reconhecimento de campo para notarmos e um enorme percentual de crianças e adolescentes indígenas, pretos e pardos de encontram nas cadeiras das escolas públicas, onde também a representatividade não têm chegado porque ainda temos como bases teóricas, culturais e científicas das nossas aulas conhecimentos eurocentrados que legitimam a capacidade intelectual de uma etnia em detrimento de outras, negando seus saberes ancestrais ou os considerando desprovidos de “conhecimento científico”.

Com tudo que vem acontecendo, não podemos mais deixar de admitir que o Brasil foi invadido e construído sobre sofrimento, massacres e histórias interrompidas e este processo ainda está em andamento mantendo a colonização e suas amarras bem firmes.

O que fala cada um, como fala e os motivos pelos quais fala precisa ser ouvido e entendido como legítimo e importante e se você, assim como eu cansou e não encontra apoio para buscar possibilidades de atuação contra o racismo, sugiro que devore este material e a partir disso construa um caminho novo, acreditando que só a educação é capaz de oferecer possibilidades, firmar identidades e promover a equidade, oferecendo o que cada um precisa para estar no mesmo patamar dos outros.

Ainda temos uma longa e árdua jornada que possivelmente atravessará gerações, mas a luta não pode parar.

Sigamos nos enxergando e fortalecendo uns nos outros porque isso é amor, isso é **Ubuntu!**

Referências

- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção – Uma experiência de ensino e aprendizagem na escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Vol 1.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Igualdade Racial/Secretaria de Educação continuada/ Alfabetização e Diversidade, jun- 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Educação e militância decolonial- Descolonizante!**. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2018.
- RODRIGUES, Marcelino Euzebio. **Silenciando a cor: o trato pedagógico da cultura afro-brasileira no ensino de Artes no Município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. Educação Cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossas escolas**. São Paulo: Selo negro edições. 2001. p. 81 – 96.